



**GOVERNO DO ESTADO
DO PARANÁ**



**SECRETARIA DE
ESTADO DA EDUCAÇÃO**



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE
LONDRINA**

CARLA APARECIDA COCCIA

**GEOGRAFIA EM ESCALA LOCAL: UM ESTUDO DE CASO DO
MUNICÍPIO DE BORRAZÓPOLIS**

ORIENTADORA: Dra. Eliane Tomiasi Paulino

BORRAZÓPOLIS – PARANÁ

2008

GEOGRAFIA EM ESCALA LOCAL: UM ESTUDO DE CASO DO MUNICÍPIO DE BORRAZÓPOLIS

Carla Aparecida Coccia ¹

Professora da Rede Pública de Ensino do Paraná. Concluinte do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE na Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina – PR, carla_coccia@hotmail.com

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é o de refletir sobre a produção de material didático-pedagógico em Geografia relativo ao município de Borrazópolis, e que fora aplicado junto a estudantes do ensino fundamental e médio no ano de 2008. Sua proposição parte da premissa de que em Geografia, faz-se necessário transcender o tratamento abstrato dos conteúdos, e que decorre de abordagens que, via de regra, ignoram a realidade local. A proposta de sistematizar conteúdos sobre o município fundamentou-se na teoria da Vygotski, de acordo com a qual primeiro agimos e depois aprendemos. Daí o sentido de buscar conteúdos que permitam o estabelecimento de correlações entre a materialidade do cotidiano vivenciado pelos educandos e a realidade mais ampla, seja em escala regional ou global, e que pode ser uma estratégia de alfabetização geográfica. O projeto em questão foi construído a partir de pesquisas e estudos teóricos ocorridos durante o curso proposto aos professores da Rede Pública de Educação do Estado do Paraná, o PDE – Programa de Desenvolvimento da Educação. A realização desse projeto, pioneiro no Brasil, contou com a parceria entre a Secretaria Estadual de Educação e a Universidade Estadual de Londrina, que abrigou a parte intelectual do Programa.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia em escala local, Borrazópolis, material didático.

ABSTRACT

¹ Trabalho orientado pela professora Dra. Eliane Tomiasi Paulino do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina

The objective of the present paper is to reflect on the production of didactic-pedagogical material in Geography referring about Borrazópolis'town, that has applied with students of basic and average education in the year of 2008. Its proposal has left of the premise of that in Geography, it becomes necessary to transcend the abstract treatment of the contents, and that it elapses of approaches that, usually ignore the local reality. The proposal systemize contents on the town was based on the theory of the Vygotski, in accordance with which first we act and later we learn. For that reason the sense to search contents that allow the establishment of correlations among the materiality of the daily one lived deeply by the students and the amplest reality, either in regional or global scale, and that it can be a strategy of geographic alphabetization. The project in question was constructed from research and theoretical studies happened during the considered course offered for the professors of the Public System of Education of Parana's State, the PDE - Education Development of Program. The accomplishment of this project, pioneer in Brazil, counted on the partnership between the State Secretariat of Education and the State University of Londrina, that sheltered the intellectual part of the Program.

KEY - WORDS: Geography in local scale, Borrazópolis, didactic material.

INTRODUÇÃO

Este artigo, ao mesmo tempo em que enseja uma reflexão sobre o programa público de capacitação dos professores do ensino básico do estado do Paraná, Brasil, com duração de dois anos, e que fora realizado em parceria com a Universidade Estadual de Londrina, é também um resultado desse programa. A proposta para os professores-PDE de Geografia foi a de elaboração de material didático fundamentado na construção de conceitos e conhecimentos geográficos por meio da valorização do saber cotidiano. Em outras palavras, buscou-se partir das evidências geográficas que fazem parte do cotidiano do educando para extrapolar a abordagem dos conteúdos nas demais escalas temporo-espaciais.

Sob a égide de políticas públicas para a educação que visavam impor uma mentalidade neoliberalizante dentro do contexto de relações humanas tão complexas como a Escola, *locus* do processo do aprender e ensinar, foram forjadas teorias de aprendizagem que tiveram

reflexos contraditórios na metodologia adotada por professores, sobretudo nos últimos 20 anos.

A premissa do “aprender a aprender”, eixo do construtivismo derivado das concepções de Jean Piaget, contribuiu para desvirtuar a Educação Básica, ao mesmo tempo em que impulsionou o descompromisso dos profissionais da educação, já que disseminou o pressuposto de que a criança só aprende quando estiver pronta física e intelectualmente. Assim, o indivíduo passou a ser reconhecido como um solucionador de problemas, que não necessita interagir com conhecimentos acumulados. Na verdade não se constrói mais o conhecimento e sim competências, habilidades,

Um segmento da Geografia, coerente com a afirmação de Vygotski (1991) de que primeiro agimos e depois aprendemos e movido pela premência de não se perder de vista os desdobramentos socioeducativos da relação indivíduo-lugar, vai na contramão dessa tendência, e segue buscando uma ressignificação da Escola, do professor, do aluno e da Educação, .

Uma das premissas daí derivadas é a de que a Escola deve experienciar ao aluno aquilo que sua vida, seu cotidiano, não oportuniza, de modo que a tarefa do professor de Geografia é atuar como alfabetizador geográfico. Esses princípios foram fundantes na formação continuada aqui em questão, de modo que a capacitação vem sendo discutida conceitualmente, e orienta-se pela busca de soluções no âmbito do conhecimento baseadas na comunicação, no respeito e na valorização do saber e do professor.

Isso ganhou materialidade em vista de alguns professores da Rede Estadual de Educação do Paraná terem retornado ao ambiente acadêmico por um período de dois anos, durante o qual foram subsidiados monetariamente, bem como afastados da sala de aula. Por isso, puderam vivenciar a universidade em sua plenitude, num processo de renascimento de conhecimentos científicos já tão distantes das demandas que sua prática cotidiana requer.

No caso da proposta elaborada por professores orientadores da Universidade Estadual de Londrina, o foco principal da capacitação foi o

de ampliar a capacidade de investigação e reflexão dos professores de Geografia, por isso foi elaborado um material didático-pedagógico que almeja partir da realidade local vivenciada pelo aluno para chegar ao conceito de mundo.

A construção desse material possibilitou a sistematização e o aprofundamento de conhecimentos geográficos, e que acabaram expressos em dados estatísticos, indicadores populacionais, ambientais e sociais até então pouco observados pela autora, que pode se colocar como pesquisadora no fazer geográfico, num desempenho já imêmore, porém fator indissociável da prática docente.

Ao se envolver na empreitada da pesquisa, as surpresas foram muitas, mas cumpre destacar o fato de que a população do município reagiu de forma extremamente positiva, inclusive cedendo fotos que constituíram um acervo de mais de 180 exemplares antigas. Tais fotos, muitas das quais até então desconhecidas pela maioria, permitem a reconstrução histórico-geográfica da colonização, dada a riqueza do material coletado.

Callai (2003), Katuta (2004) e Kaercher (2003) discorrem sobre a necessidade de a Geografia desvendar significados: qual lugar poderia ter mais significado para o aluno do que seu município, sua cidade, ou até sua zona rural? Daí a importância de o professor converter-se em pesquisador e organizador de conteúdos da Geografia local.

O resultado dessa produção, desde que devidamente articulada ao uso do livro didático e demais recursos pedagógicos, permitirá situar os arranjos espaciais na escala local, sem perder de vista seus desdobramentos em múltiplas escalas. Três temas aglutinadores foram elencados a fim de desvendar a geograficidade do município, quais sejam: Limites, Arranjos Territoriais e Dinâmica Populacional.

A aplicação do material didático assim organizado mostrou-se extremamente frutífera nas duas primeiras experiências em sala de aula. A primeira ocorreu no Ensino Fundamental, e teve como ponto de partida os limites do município e o início da colonização, passando pelo mapeamento da área total e o reconhecimento dos bairros da zona rural.

Já a segunda experiência ocorreu no Ensino Médio, na qual se buscou articular ao conteúdo “Clima do Brasil” as evidências locais. Elaborou-se e promoveu-se a contextualização das condições climáticas do município, por meio da execução dos climogramas dos principais climas do Brasil e da construção do climograma dos últimos cinco anos de Borrazópolis. Também foi elaborado um gráfico com as médias pluviométricas dos últimos 30 anos do município em questão.

O próximo passo foi aliar as duas escolas em um projeto sobre coleta seletiva de lixo. Os alunos percorreram a cidade entrevistando pessoas de cada moradia, recolhendo dados sobre a prática ou ausência dela, no que diz respeito à separação domiciliar de lixo e destinação final.

Essas estratégias de ensino-aprendizagem levaram a um envolvimento coletivo salutar. Ao longo do ano letivo, por várias vezes o material, bem como os processos envolvidos em sua sistematização, auxiliaram a apreensão de conhecimentos, tornando menos penosa a tarefa de os alunos conseguirem dialogar com conteúdos geográficos em diversas escalas, da local à global.

As etapas que foram desde a elaboração do material até o trabalho final com os estudantes permitiram a elaboração de uma avaliação, mediante a qual propôs a reestruturação do material, para que este seja disponibilizado para a Secretaria de Educação do município para futura implementação na rede virtual de computadores, como mais um recurso para o ensino de Geografia.

Como ensinamos: um ensaio autocrítico

As teorias de aprendizagem dos últimos 20 anos levaram a alguns equívocos que não apenas permearam as discussões nas salas de professores como também se refletiram em práticas didático-pedagógicas em sala de aula. O principal foco das divergências (e convergências) girava em torno de uma nova percepção de aprendizagem, fundada na premissa do “aprender a aprender”, tendo como teórico seminal, Jean Piaget, e como

filosofia fundante o Construtivismo, que tantos admiradores encontrou pelo Brasil e mundo afora.

Pode-se afirmar que tais discussões nas salas de professores eram, na verdade, embates entre os contestadores e os simpatizantes da referida teoria. Ainda que os pressupostos ali contidos pudessem contemplar as demandas cognitivas próprias das séries iniciais do ensino fundamental e da alfabetização de adultos, respeitadas a diversidade de cada grupo e sua identificação em relação aos conteúdos apresentados, surgiram lacunas dignas de nota, evidenciadas pela máxima de que a interlocução é a base do conhecimento.

Enfim, o contato com produções técnicas, científicas ou filosóficas, tratados, documentos, textos, em suma com o arsenal bibliográfico que resulta do trabalho pretérito de investigação, sistematização e reelaboração a partir das reflexões e interações com o cotidiano, possibilita a permanente reorganização do pensamento, permite construir conceitos, serve de parâmetro para comparações e discussões na elaboração própria do conhecimento.

Isso não significa a impossibilidade de se chegar a ineditismos, mas não reconhecer a contribuição milenar da construção do conhecimento ocorrida em cada segmento cultural, época histórica, evento humano, é negar toda a materialidade da produção oriunda das relações sociais, é negar a importância do passado, do antigo, daquilo que hoje se chama de velho, mas que outrora já foi novo, imprescindível e atual.

Não que se possa estabelecer uma relação direta entre a contribuição piagetiana e a vulgarização pedagógica que se disseminou a propósito de seus apontamentos. Entretanto, seu legado teórico veio a calhar com as mudanças político-econômicas vivenciadas nas décadas de 1970 a 1990, decorrentes da ideologia neoliberal que se impunha em todas as esferas da sociedade, da qual não saiu ilesa a educação fomal.

De maneira genérica, pode-se afirmar que no Brasil, em face de sua posição na divisão internacional do trabalho, e que culmina inclusive na tendência de colonização intelectual, as determinações hegemônicas disseminaram-se amplamente, tendo como agente fomentador o próprio

Banco Mundial e demais entidades financeiras, vetores de um projeto de mercantilização exacerbada do saber como ingrediente das próprias demandas da acumulação capitalista em seu estágio monopolista. . À semelhança das concepções de Piaget, quando afirma que o conhecimento é construído como parte do processo de adaptação ao meio-ambiente, ao meio em que vivemos, o qual é instintivamente adquirido pela criança. Ou seja, partiu-se do pressuposto de que a partir do momento em que o indivíduo, a criança estiver pronta, física e intelectualmente, ela será capaz de aprender, não havendo grande relevância os estímulos exteriores, mas sendo imperativo o desenvolvimento de determinada fase de adaptação ao meio em que ela vive e convive.

Assim, susceptível às marés de projetos estruturais no bojo de uma ordem econômica financeirizada, o indivíduo passa a ser encarado como mero solucionador de problemas, relacionando-se instrumentalmente com os conhecimentos acumulados. Ao invés de se construir conhecimento, deve-se desenvolver competências para encaminhar ações no mundo do trabalho. Nada que remeta ao criar, ao reinventar, ao reconceituar.

Afinal, o mundo muda cada vez mais rápido, a sociedade é dinâmica, é imperioso adaptar-se ao mercado de trabalho. Isso faz com que a Escola separe o ensino da pesquisa, se distancie da ciência, tendendo a priorizar o desenvolvimento de competências para meramente realizar tarefas cujos mentores intelectuais estão despersonalizados na abstrata lógica de mercado.

Eis a razão pela qual a sociedade, de um modo geral, e os professores, em particular, não estranham a descaracterização das atribuições docentes, em que o professor perde espaço como agente, protagonista, mediador da construção do conhecimento. Porquanto o conhecimento escolar tende ao pragmatismo, porque desraigado das origens e do árduo processo elaborativo trata-se de apenas elencar habilidades e competências que o indivíduo já possui ou deve possuir.

Diante do exposto, é patente o desafio de ressignificar os conhecimentos tanto para o aluno quanto para o professor. Daí a necessidade de discordar das tendências em que a tônica são as técnicas

passíveis de ensinar alguém, o aluno, que parece não mais querer aprender o que o professor quer ensinar.

É certo que essa concepção de educação não rompeu com pressupostos seculares, como os dos jesuítas, primeiros educadores que este país conheceu, e que buscavam convencer ao indígena que os seus deuses não eram onipresentes, ao mesmo tempo em que se apresentavam como o elo inalienável de salvação material e espiritual. O professor deve se apoderar do fazer científico em sua plenitude, o que não se limita à reprodução do conhecimento, antes supõe o pensar e o agir, como forma de tornar estimulante um saber cotidianamente confrontado com as seduções da rua, dos vídeos-game, da internet etc. O professor carece exercer cada vez mais a função do adulto que traz a criança para o mundo do conhecimento, e não pode permitir o inverso. Segundo Lunardon (2007) “o professor não deve perguntar o que o aluno quer, mas deve fazer aquilo que crê possibilitar sua inserção na sociedade madura”.

A Geografia tem um papel fundamental na construção do caminho para a ressignificação do ser-professor e do ser-aluno, pois fornece referências territoriais, o que permite o desvendamento das relações que se materializam em formas geográficas. Enfim,

E nesse sentido, a premissa de Vigotski (1991) de que primeiro agimos e depois aprendemos são por demais oportunas, embora se oponham às mais “atuais” tendências pedagógicas. De qualquer modo, há um saldo positivo nesse legado, pois houve progressos, as lacunas oportunizaram a reflexão sobre a educação que queremos, se a reprodutora ou a emancipadora.

Enfim, a busca de uma ressignificação da aprendizagem é imperativa, é necessário rever conceitos e perfilhar outros novos que se posicionam frente às modificações que assistimos na sociedade e que claramente nos angustiam.

Para Vigotski (1991), a criança vai aprender a partir do estímulo do meio ambiente, ou seja, quanto maior for o estímulo, maior será a aprendizagem. E essa ocorre de forma mais estruturada se o que for trabalhado na sala de aula estabelecer um vínculo direto com a realidade.

Ao analisar os livros didáticos, percebemos que a maior parte dos conteúdos remetem à realidade da região sudeste, notadamente ao contexto urbano-industrial que tem aí sua expressão máxima, razão pela qual muitos não poderão reconhecer-se nesse espaço tão alheio ao seu cotidiano. Daí a pertinência de propor uma concepção de geografia que não abdique da dimensão espaço/tempo concreta dos educandos.

Se concordarmos com Vigotski (1991), a escola tem que antecipar e criar situações-problemas para que o estudante seja tomado por indagações e busque a parceria com o professor para formular respostas. Há que se partir daquele conhecimento ou conceito interiorizado em face das experiências cotidianas, por meio do qual se estabelecerá um diálogo rumo ao conhecimento científico.

Duarte (2007) diz que o fato de os pressupostos de Piaget e Vigotski contrastarem parece justificar o não agir do professor na Escola, com todos os dissabores que tão bem conhecemos. Consideramos que a criança não vai aprender conceitos científicos se não for para a escola, se não conviver com o ambiente onde o conhecimento sistemático seja o centro, onde a ciência possa ser encarada como desafio cotidiano, mesmo que diluído em atividades das mais simples às mais complexas.

Vários são os exemplos capazes de reafirmar tal pressuposto: algumas crianças não apreciam música clássica porque nunca tiveram a oportunidade de ouvi-la, não estão inseridas nos grupos sociais que o façam. É por isso que o universo vivido como parâmetro para a educação formal é insuficiente. A formação supõe transcender esse universo, cuja riqueza nem sempre está permeada pelo acervo cultural e científico que a sociedade já dispõe. Nestes casos, essa é uma atribuição da escola, somente ela poderá proporcionar uma ampliação dos horizontes do conhecimento, sem que isso implique em abdicar dos saberes forjados pela experiência concreta de vida.

E nesse sentido, os apontamentos de Katuta (2004) são oportunos ao asseverar que o aluno se sente um estrangeiro por não reconhecer na paisagem ou no mapa do livro didático, sua paisagem, o mapa de sua cidade, município, seu território. A maior parte da população

associa o conhecimento à territorialidade conhecida. Sendo assim, ou o que falamos na sala de aula estabelece um vínculo com o que o aluno conhece ou o aluno não vai aprender. Por isso, nossos alunos têm que saber responder: primeiro, onde? segundo, por quê? De forma a promover o diálogo com o conhecimento do aluno, pois o ser da geografia está muito ligado ao geral (mundo - todos) – ao particular (país-nós) – ao singular (municipal-eu).

Enfim, a escola deve experienciar ao aluno aquilo que sua vida não o fará embora para isso seja imprescindível o diálogo com o que ele já experencia, já conhece. Mas para isso, faz-se necessário constituir uma nova relação entre a Escola, a Geografia e o aluno.

Para Vigotski (1991), a Escola retira-nos do egocentrismo próprio do ser humano, e amplia essa visão, em uma perspectiva convergente ao que Raffestin e Raccini (1983) denominam escala geográfica: o professor pode e deve auxiliar nesse processo, valendo-se de conhecimentos consistentes e pertinentes, estabelecendo pontes do concreto ao abstrato, das referências vividas de empiria para as que exigirão abstração lógica. A diminuição do egocentrismo ocorre quando o aluno se transporta do seu local, singular, e chega ao geral, ao mundo, valendo-se de conceitos vislumbráveis localmente, para apreendê-los em sua amplitude. Como exemplo, podemos citar o das bacias hidrográficas, se a abordagem tiver como ponto de partida a hidrografia local, não haverá grandes dificuldades em extrapolar esta escala, chegando à bacia amazônica, do rio Nilo etc. Para que o aluno dê esse salto entre o singular e o geral, é tarefa do professor auxiliar a estruturação dos seus conhecimentos, alterando os processos mentais costumeiros. Só assim se chegará ao estágio da conceituação científica.

Nesse processo, o professor de Geografia coloca-se como alfabetizador geográfico, como aquele a quem cabe mostrar ao aluno a ocorrência dos fenômenos em seu espaço/tempo e assim, auxiliá-lo a compreender a lógica da ordenação das paisagens. Em uma sociedade saturada de imagens, algumas delas passam despercebidas pela grande

maioria, por isso precisamos instigar a observação, a análise, a compreensão e a descrição refletida, como aponta Silva (2004).

Torna-se imperativo rever conceitos, especialmente aqueles que podem revelar ideologias cujo fundamento é muito mais econômico do que propriamente pedagógico. Pois a educação pública deve perseverar na formação cidadã, objetivando a transformação da sociedade, privilegiando a equanimidade e a justiça social.

Enfim, faz-se necessário conceber a Escola como ponto de convergência, onde se encontram diferentes atitudes, vivências e culturas, tornando imprescindível pensar a educação como processo. É aí que o professor é um protagonista, porque cabe a ele administrar, fazer convergir tais diferenças, o que requer atenção, atualização, comprometimento, instrumentos para enfim, assumir o papel de decodificador da sociedade, o ponto de partida para a formação cidadã.

Formação e pesquisa como atos indissociáveis: a experiência do PDE

Tendo em vista as questões levantadas anteriormente, refletiremos sobre a proposta implementada pelo PDE, e que proporcionou ao professor da Rede Estadual do Paraná o acesso ao ambiente acadêmico universitário e conseqüente alteração no seu processo de conceitualização do ensino.

Com o afastamento da sala de aula, logo de disponibilidade integral, bem como amparo financeiro no primeiro ano, o professor pode mergulhar no processo de atualização de conhecimentos, especialmente porque esse acesso ocorreu após pelo menos dez anos de serviços prestados ao Estado. Ou seja, o tempo universitário se fazia muito distante, pois a “formação continuada” nem sempre é acessível e mesmo conciliável com as duplas e até triplas jornadas de trabalho.

O retorno à universidade, à pesquisa de campo, à utilização de ferramentas antes indisponíveis, como o computador, catapultam o

professor para uma nova realidade, inclusive a de se relacionar virtualmente com alunos, professores, colegas, com o mundo enfim.

Nesta experiência de capacitação elaborou-se um material didático-pedagógico que leva em consideração o estudo da Geografia em escala local, a fim de lhe oportunizar uma leitura sem fronteiras, que perpassa o regional, o nacional, o mundial.

Estudar geografia [...] é basicamente ler o mundo e construir a cidadania. [...] O estudo da geografia insere-se neste âmbito, na perspectiva de dar conta de como fazer a leitura do mundo, incorporando o estudo do território como fundamental para que possa entender as relações que ocorrem entre os homens, estruturadas em um determinado tempo e espaço. (CALLAI, 2003, p.77):

A Geografia é o ramo do conhecimento que pode, e deve possibilitar essa leitura do mundo. Mas, a exemplo da alfabetização, em que as letras do alfabeto devem anteceder as palavras, que mesmo na condição de signos já foram incorporadas pela criança, na Geografia ao reconhecer a territorialidade vivenciada, eivada de formas, antropizadas ou não, deve ser o ponto de partida para o processo de alfabetização geográfica.

Neste sentido, Callai (2003, p.78) salienta:

“Ao permitir e criar condições a que ele trabalhe com sua realidade próxima, o aluno estará conhecendo, de modo mais sistemático, o lugar em que vive e construindo os conceitos necessários tanto para aprendizagens futuras como para a sua vida.”

Cumprido destacar que a proposta de construção coletiva desse material didático-pedagógico da turma de professores-PDE da Universidade Estadual de Londrina diferenciou-se das demais propostas desenvolvidas pelos professores de Geografia do PDE do Estado do Paraná, por estar pautada como um trabalho coletivo, o qual envolveu cinco docentes da universidade e 13 professores-PDE estaduais. As reflexões teórico-metodológicas no interior das disciplinas de capacitação foram o que nortearam cada professor-PDE na execução da sua pesquisa, que consistiu de trabalhos empíricos e ampla coleta e organização de dados

específicos de seu município. A sistematização desse material, concluída em fevereiro de 2008, foi apresentada sob a forma de uma publicação de caráter paradidático. No caso do município de Borrazópolis, o qual fora organizado pela autora, o material contém 181 páginas, distribuídas entre conceitos, abordagens, gráficos, mapas, tabelas etc, a qual foi devidamente disponibilizada ao Núcleo Regional de Educação e Secretaria Estadual de Educação, como forma de socialização para os demais professores de Geografia, que igualmente são confrontados com a falta de conteúdos geográficos em escala local.

No processo de produção desse material, sobretudo nas pesquisas de campo, não foram raras as situações inusitadas, como recolher documentos, fotos, relatos, entre outros, os quais não só foram preciosos para a elaboração do material em questão como também contribuíram para a autora refinar conhecimentos sobre o município de Borrazópolis.

Enfim, essa experiência mostrou-se muita rica, pois permitiu uma reelaboração dos conhecimentos geográficos que a exaustiva jornada de trabalho, aliada às atribuições paralelas não oportunizam. Poder-se-ia afirmar que mesmo a compreensão dos conceitos propostos adquire concretude quando o professor tem acesso aos referenciais teórico-metodológicos intrínsecos ao ato de pesquisar e, posteriormente, de sistematizar os dados e reflexões daí advindos.

Sintetizando, o professor vivencia a teoria e a incorpora na proposta de desvendar a geograficidade do presente, do vivido, do palpável, construindo um olhar mais geográfico que dantes.

Segundo Kaercher, (2003, p.16) “a geografia [...] precisa desvendar os significados dos lugares [...] que apresentam uma hierarquia de valores e sensações nem sempre democráticas ou agradáveis”. Nesse sentido, a pesquisa de campo estimulou uma visão local dos diferentes arranjos espaciais articulando aspectos naturais, sociais e culturais. Os signos presentes no local estão correlacionados com os dos espaços regionais e mesmo globais, reafirmando, pois a tese de que é necessário

estimular tanto educandos quanto educadores a aprimorarem a observação, a análise, a reflexão, enfim a construção da síntese conceitual.

É o que conclui Kaercher (2003, p.12), quando afirma que:

Como espaço, entendemos basicamente – não exclusivamente – o espaço humanizado e, no geral, urbanizado. Nossa preocupação inicial é, sobretudo, com o espaço vizinho, ou seja, seu 'espaço vivido' (casa, escola, bairro, cidade) sem esquecer o contexto maior país-mundo. Isso não significa necessariamente trabalhar na seqüência rígida espaço próximo-espaço distante (tipo casa, bairro, cidade, estado, país, continente), pois não raro decisões que afetam nosso espaço imediato são tomadas em outros continentes. A gradação perto - longe pode ser um ponto de partida, mas não pode virar uma camisa-de-força.

Assim, a busca da conciliação com a visão de aprendizagem de Vigotski, do ressignificar do ser-professor e do ser-aluno, bem como do reposicionamento da Escola frente à atual sociedade, culminou no material didático-pedagógico que, a nosso ver, é diferenciado, pelo simples fato de ser oriundo de um processo que articula diálogos bibliográficos e empíricos, como demonstrado anteriormente.

O propósito deste trabalho, assim, é fornecer referências capazes de levar os alunos à apreensão dos arranjos espaciais vivenciados individual e coletivamente, partindo do singular (local) para construir conceitos geográficos em escala regional e global, já que na esfera do cotidiano praticamente inexitem referências e dados que permitam aos mesmos se reconhecerem no espaço que habitam.

Entendemos que a produção sistematizada de conteúdos geográficos relativos à escala local fornece aos professores e alunos referências que lhes permitem reconhecer-se no espaço, distinguir contradições, valendo-se de conhecimentos que favorecem a autonomia intelectual, fundamento da própria cidadania.

Saliente-se, porém, que este material não suprime a importância dos demais recursos pedagógicos de que se valem os professores de Geografia, antes surge como complemento deles, como é o caso dos livros didáticos e paradidáticos, vídeos, trabalhos de campo etc..

Como afirma Katuta (2004), o objetivo pedagógico do ensino de Geografia é o entendimento dos arranjos espaciais por meio da dialética

entre os conhecimentos geográficos não formais e os científicos. O que nos leva a crer que, dessa forma, os alunos poderão compreender os arranjos territoriais e, posteriormente, interferir conscientemente na sua organização.

Construindo o material didático-pedagógico por meio das múltiplas escalas da Geografia

No processo de discussão e organização do trabalho, foram definidas três áreas da Geografia, com o intuito de enfatizar o efetivo conhecimento da geograficidade do município, ou melhor, do experienciado pelo aluno. São eles, Limites e Fronteiras, Arranjos Espaciais e Dinâmica Populacional.

Consideramos imperioso desenvolver uma visão local dos diferentes arranjos espaciais que vão desde os aspectos naturais até suas características socioculturais e, a partir dessa análise, abordar, quando for o caso, as demais escalas, da regional à global. No eixo Limites e Fronteiras, os objetivos específicos almejados foram: delimitar divisas e fronteiras, áreas e extensões do município, identificar as características físicas do município e distinguir aspectos ambientais em sua inter-relação com as atividades humanas.

Desse modo, trabalhamos os seguintes conceitos, noções e conteúdos: perímetro urbano, vegetação, relevo, solo, hidrografia e clima do município. Seus significados foram decodificados sob o mote do local/global, já que a atenção para os arranjos espaciais do município é de assaz valor para o aluno, pois compreendendo melhor a ocorrência de determinados fenômenos locais, torna-se mais fácil compreendê-los nas demais escalas.

Cada item foi trabalhado com base em diversas linguagens, entre as quais diálogos por meio de questões com o tema proposto, imagens exploradas nas mais diversas formas (mapas, fotografias, figuras etc.), bem como gráficos, tabelas, textos informativos e dados de caráter histórico, social e econômico. A perspectiva foi auxiliar o aluno a formar conceitos, objetivo primordial do presente trabalho.

Ao trabalhar tais conteúdos, considerou-se que no espaço criado pela sociedade sempre se estabelecem limites, os quais representam controles e usos diferenciados derivados de determinações históricas, econômicas, sociais, políticas, geográficas e culturais.

Considerou-se igualmente que buscar a compreensão do espaço vivenciado implica entender os arranjos espaciais que nos cingem e também aos outros, o que nos auxilia a intuir quem somos e o papel que efetivamente temos em nossa sociedade.

Compreender os Limites e as Fronteiras demanda um exercício de compreensão dos hábitos, das necessidades e das relações sociais que os grupos humanos estabelecem entre si, com o meio em que vivem e com os povos de culturas e etnias diferentes.

Como a linguagem cartográfica expressa a espacialidade dos fenômenos, esta ferramenta foi explorada para representar os arranjos espaciais humanos e os elementos naturais, o que torna de fácil apreensão a materialidade dos processos e fenômenos que caracterizam frações territoriais organizadas, ora por segmentos da sociedade, ora por seu conjunto.

Segundo Katuta (2004), a não compreensão científica e sistematizada do espaço vivido leva a um processo de estranhamento do sujeito, isso porque sua identidade é construída a partir das relações que o mesmo estabelece com o meio em que vive.

Durante a fase de produção do material sobre Limites e Fronteiras do município, houve certa dificuldade para reunir mapas e mesmo dados oficiais confiáveis, o que impôs uma perambulação por órgãos públicos como Prefeitura, Cartório de Imóveis da Comarca e do município que fora anteriormente a sede político-administrativa, sem falar dos relatos e depoimentos de antigos moradores.

Foi necessário, inclusive, recorrer a um profissional topógrafo, que mapeou e demarcou os limites do município e da zona urbana. Foram pesquisados conceitos referenciais do Estado do Paraná, objetivando dar consistência ao tema, ao mesmo tempo em que se buscou representá-los de forma a facilitar a visualização das relações em relevo

A identificação da ordenação territorial dos fenômenos e seus significados nas múltiplas escalas são possíveis a partir da empiria cuidadosa, da qual não se pode prescindir para o estudo dos Arranjos Territoriais, segundo tema a comparecer no material pedagógico em questão.

As Diretrizes Curriculares tem como um dos seus princípios relativos aos Conteúdos Estruturantes a oportunização da compreensão do espaço em que vivem os próprios alunos, por meio do desvendamento das relações procedentes da multiplicidade de escalas que compõem o território, sem desconsiderar a institucional, que comparece como mediadora de campos de forças sociais e políticas.

Partindo do local, vivenciado e incorporado no imaginário do aluno, o tema Arranjos Territoriais focalizou conteúdos como a estrutura fundiária, as relações de trabalho no campo, a relação campo-cidade, o uso do solo urbano e a estrutura urbana do município, entre outros. Objetivou-se, com isso, ampliar a aspiração pela observação particularizada, pelo estabelecimento de afinidades que o levem a compreender o que procede no seu município para, a partir daí, transcender da escala das singularidades para as generalidades, que se insinuam nas escalas regionais, nacionais e mesmo globais.

No trabalho em sala, uma série de questionamentos prévios é socializada com os alunos, visando à reflexão sobre vários aspectos da problemática examinada. A exposição teórica não é tomada como fim na metodologia utilizada para a construção dos conceitos e conhecimentos imprescindíveis na compreensão do cotidiano a partir dos conteúdos em Geografia, mas sim um processo construtivo, no qual o professor atua como mediador, para que ao finalizar o tema, o aluno tenha assimilado a lógica dos arranjos territoriais em suas expressões contraditórias.

Várias linguagens como mapas, gráficos, tabelas, fotos antigas e atuais, imagens foram empregadas atendendo aos pressupostos de Katuta (2004, p.300-301), para a qual “apesar da riqueza da linguagem escrita, existem aspectos da geograficidade dos entes que somente podem ser capturados e apresentados por imagens”.

As características da agricultura no município foram problematizadas, como forma de extrapolar escalas, permitindo que se compreenda sua relevância para a economia do estado e mesmo do país. Essa escala abarca um coeficiente de abstração nem sempre ajustado à percepção dos alunos, razão pela qual se optou por enfatizar o arranjo agrário do município, aquele que seguramente diz respeito às experiências desses sujeitos. Deu-se ênfase aos produtos agrícolas locais, seu destino, aos indicadores do uso do solo, como área ocupada com lavouras permanentes, temporárias, pastagens, matas e reflorestamento etc.

Tais análises foram complementadas com a discussão acerca da inserção do município no paradigma da produção tecnificada, materializada na introdução de insumos químicos e equipamentos modernos no campo, sem descuidar-se das suas implicações no que tange às relações de produção e de trabalho, em que ficou patente o arrefecimento das ocupações agrícolas de cunho familiar, bem como de empregos temporários e permanentes no campo.

Esse fato, não restrito ao município de Borrazópolis, explica a mudança no padrão de distribuição da população, ocorrendo inclusive a diminuição da população residente no campo a partir da década de 1980, e que vem acompanhado de outro processo, onde se constatou perdas populacionais dos núcleos urbanos da maior parte dos municípios de base agrícola do Norte do Paraná.

Nesta região, o declínio da cafeicultura foi demasiado célere e a alternativa encontrada pelos camponeses que dispunham tão somente do controle precário sobre a terra, sob a forma de relações de parceria, meação etc, foi à migração, seja para as cidades maiores, seja para novas áreas agrícolas.

A transição do padrão técnico na agricultura, com a intensificação da escala de uso do solo, associado à expansão dos monocultivos, avolumou os impactos ambientais, especificamente a degradação da flora, destruição da fauna, dos recursos hídricos, posto que se pautou na progressiva mecanização e utilização massiva de agrotóxicos.

Todas estas questões puderam ser trabalhadas sem desconectá-las de variáveis que extrapolam os limites da zona rural. A percepção da cidade como um fragmento distinto do território, porém com profundo imbricamento com o campo, remete a um contraponto entre conexões e respectivas diferenças, que decorrem da diversidade dos usos e apropriações. Este diálogo foi possível a partir do uso de alguns recursos, como os mapas, que foram construídos após incursões até mesmo inéditas.

Buscando evitar que o aluno sintasse um estrangeiro em seu próprio mundo, nas palavras de Katuta (2004, p.31), é exatamente o que a elucidação sobre os Arranjos Territoriais buscou, oportunizando articular uma reflexão contextualizada entre vivências e olhares corriqueiros, mas que devidamente contextualizados conjuntural e teoricamente, culminam na apreensão descortinada dos fenômenos da realidade.

No tocante ao tema Dinâmica Populacional, busca-se a apreensão das geografias e suas expressões espaciais, partindo do levantamento cuidadoso das características de povoamento, migração e estruturação populacional. Tais variáveis supõem um trânsito entre várias escalas, da local à global, as quais são permanentemente definidas/redefinidas pela dinâmica política e econômica, e que, embora possam ser mais gerais, impõem marcas ao município.

Desta feita, arranjos territoriais se estabelecem concomitantemente ao estágio do modo de produção e ao contexto das relações de classes, permitindo distinguir dentro das engrenagens capitalistas papéis e ações que determinaram a incorporação e a apropriação da terra, de seus recursos naturais e humanos, da capacidade de trabalho e de consumo etc.

As características da Dinâmica Populacional e o intrincado fenômeno do êxodo rural são enfatizados nas apreciações de teóricos como Milton Santos, que se detém na dinâmica dos movimentos populacionais, suas origens e formas. Ao discutir as características da urbanização, destaca que as “características da urbanização e o êxodo rural podem levar-nos a entender como a população urbana se distribui e quais os tipos de

urbanização encontramos nos países subdesenvolvidos”. (SANTOS, 1981, p.13)

O Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), entre outros, foram mananciais de pesquisa, de informações e dados essenciais nos estudos empreendidos, possibilitando a interpretação e análise dos fenômenos por meio de indicadores demográficos, pirâmides etárias, variáveis sociais, gráficos e tabelas. Enfim, tanto na esfera local quanto na esfera mundial, os dados numéricos ou estatísticos são utilizados para explicitar movimentos demográficos, renda e qualidade de vida.

O povoamento, a migração, a evolução da população urbana, a questão da segurança pública, a qualidade de vida, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) em diversas escalas geográficas, bem como a composição etária da população do município, tornaram-se importantes elementos a serem ponderados durante a implementação do material em sala de aula.

As intervenções nas aulas de Geografia

Apesar da aplicação do material didático-pedagógico na sala de aula ainda não ter sido concluída, o propósito de fazer uma associação com o livro didático permitiu articular as escalas geográficas sempre que os conteúdos do planejamento permitiram, de modo que tivemos várias as oportunidades de utilizar o material sistematizado.

Entretanto, como a reprodução integral do material, bem como em qualidade próxima a do original, mostrou-se inviável, dado o custo das impressões, particularmente as coloridas, a beleza e definição das imagens, mapas e gráficos trabalhados foram prejudicadas.

A sexta série do Ensino Fundamental, do período matutino, com 30 alunos com idade de onze a quatorze anos foi a classe que primeiramente trabalhou o tema limites. Primeiramente foi estudada a fundação do município, passando pelo mapeamento da área total e o reconhecimento dos bairros da zona rural.

Interessantemente ressaltar que muitos demonstraram dificuldade em entender os conceitos de município e cidade, de estabelecer os próprios limites do município, assim como de reconhecer as direções.

Inicialmente foram trabalhados três mapas em sala, estado, região e município. Ao manusearem mapas em escala pequena, em que os municípios circunvizinhos apareciam, vários alunos mostraram-se confusos quanto ao seu posicionamento, aos pontos cardeais, às rodovias de acesso, aos rios que os limitam e mesmo a distância entre os mesmos. Tudo isso evidenciou a desorientação geográfica e a necessidade de esclarecer conceitos fundantes da cartografia.

Os alunos de origem rural pesquisaram em casa, juntamente aos familiares, acerca de qual bairro eram provenientes, de forma a estabelecer um vínculo mais estreito com a localização dos bairros e também envolver a família com a utilização do material e seus objetivos de estudo.

Talvez a maior dificuldade tenha sido a de se reconhecer no cotidiano geográfico, ou melhor, reconhecer os fenômenos da geografia presentes em todos os momentos e atividades desenvolvidas, quer na zona rural, quer na zona urbana, de forma a despertar a compreensão dessa geograficidade. Porém, quando se encontra com o significado de suas ações e intervenções no cotidiano, a premissa de Vygotski do aprender como decorrência do agir ganha sentido.

Nestes diálogos, o mapa do perímetro urbano original foi confrontado com o mapa atual, permitindo que os alunos constatassem o aumento expressivo da cidade, o avanço sobre áreas de chácaras, a dificuldade da expansão urbana para a direção leste, em virtude de vários fatores, como relevo em acentuado declive, período de abertura de loteamentos, construção dos conjuntos habitacionais, entre outros.

Estes diálogos com conteúdo, dados e representações cartográficas levaram a descobertas inquietantes para os alunos, como é o caso da localização inapropriada do cemitério, devido à proximidade de várias nascentes de água, das quais se abastece o município. Debates pertinentes, pois somente aqueles que conseguem compreender aquilo que

Milton Santos (1996) denomina de sistema de objetos é que podem tornar-se coadjuvantes dos sistemas de ações, ou seja, poderão interferir na gestão territorial em favor da cidade.

A segunda experiência com o material produzido se deu com duas salas no terceiro ano do Ensino Médio, no período matutino, com cerca de 30 alunos cada, com idade entre dezesseis e dezoito anos. Nestas salas trabalhou-se, em conjunto com o conteúdo Climas do Brasil, a descrição climática do município. Na seqüência, foi proposto um trabalho de execução de cartazes sobre os climogramas dos principais climas do Brasil, os climogramas dos anos de 2002 a 2006 de Borrazópolis e um gráfico com as médias pluviométricas do ano de 1976 até 2006, utilizando dados fornecidos pela Superintendência de Desenvolvimento dos Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental - SUDERHSA.

Após essa etapa foi realizada a análise de todos esses dados, de forma a verificar a temperatura e pluviosidade dos meses, das estações do ano, quais as suas maiores e menores taxas, qual ano foi o mais quente e o mais frio, o mais chuvoso e o mais seco, indagando como as estações se apresentam no município, quais atividades socioeconômicas e culturais estão relacionadas com a variabilidade climática e quais as espécies vegetais que se mostram mais vulneráveis a estes ciclos que, de forma recorrente, manifestam-se sob a forma de fenômenos extremos.

Apresentados em sala, os trabalhos levaram a constatações importantes sobre o regime das chuvas, que tem apresentado instabilidades significativas ao longo do período estudado. Isso, de certa forma, tem afetado a principal atividade econômica do município, a agricultura. Como por exemplo, no ano de 2002 as médias pluviométricas do mês de maio atingiram 340 mm, o que excede, em muito, as médias habituais. Com isso, esse foi um ano com perdas significativas para a cultura do milho safrinha, bem como do trigo, adaptadas mais à escassez do que ao excesso hídrico no período em questão. Já no ano de 2003 o excesso pluviométrico aconteceu no mês de janeiro com 264,1 mm, dessa vez afetando as lavouras de verão, respectivamente soja e milho. No ano de 2006, as médias dos meses de abril, maio, junho e julho foram excessivamente

baixas, acarretando novamente perdas às lavouras de inverno, sobretudo do milho safrinha e do trigo.

Trabalhar com a variabilidade pluviométrica em sala de aula exige prudência, para não passar aos alunos a falsa impressão de que o clima mudou radicalmente. Antes, o trabalho consiste em considerar os ciclos mais longos, nos quais se pode notar o quanto são recorrentes os fenômenos extremos como os citados.

É por isso que a aproximação dos conteúdos com a realidade local é inovadora, pois muitos destes estudantes vivem ou fazem parte de círculos de relações que envolvem agricultores, e estes conhecem de longa data tais instabilidades. Esse diferencial é fundamental para evitar visões cataclísmicas sobre o ambiente, e que tem sido a tônica dos meios de comunicação de massa. Eis a riqueza subjacente a metodologias simples, porém edificantes, quanto à análise do clima a partir de dados locais.

A sistematização de dados sobre pluviosidade nos últimos 30 anos os levou a identificar dois ciclos de aumento e de decréscimo da pluviosidade, respectivamente. O primeiro ficou evidente no intervalo de uma década: entre 1979 e 1983, as médias anuais permaneceram entre 1750 mm e 2429 mm. Por sua vez, entre 1984 e 1988, as médias foram de 1259 mm a 1799 mm.

O segundo ciclo foi mais extenso se deu entre 1989 a 1998, quando as médias pluviométricas ficaram entre 1723 mm e 2175 mm. Entretanto, os estudantes não deixaram de notar que entre os anos de 1999 e 2006 as médias ficaram entre 1229 mm e 1779 mm, o que levou a observação de que as menores médias pluviométricas anuais deste ciclo já perduram pelo dobro do tempo que o ciclo anterior, ocorrido entre 1984 e 1988.

Feitas as devidas ponderações, a discussão sobre os possíveis fatores de intensificação desse fenômeno contemplou variáveis empiricamente verificáveis, como intensificação dos cultivos agrícolas, expansão da malha urbana, implantação de monocultivos, como o canavieiro, em franca expansão na região, desmatamento, poluição, em

suma, ações antrópicas que podem efetivamente contribuir para a mudança dos ciclos naturais.

Além da implementação de conteúdos organizados no contexto da elaboração de materiais didático-pedagógicos em escala local, partiu-se para um projeto de pesquisa sobre coleta seletiva de lixo, que envolveu todas as séries escolares de ambas as escolas.

A pesquisa tinha por objetivo a cobertura integral da cidade, o que mobilizou um número enorme de estudantes que percorreram a cidade, casa por casa, entrevistando moradores a fim de identificar os procedimentos habituais de produção e destinação dos resíduos sólidos.

Os levantamentos legaram uma perspectiva bastante ampla sobre a situação de o lixo domiciliar em Borrazópolis, tendo sido possível identificar as áreas nas quais estes resíduos convertem-se em renda monetária, por meio da comercialização dos recicláveis, do mesmo modo que permitiram traçar uma panorâmica sobre o descarte irregular de materiais, seja nos quintais, seja em áreas públicas ou privadas, e seu potencial de proliferação de epidemias ou endemias, com destaque para a Dengue, que passou a fazer parte do cotidiano dos brasileiros.

Os alunos vivenciaram o espaço urbano como nunca, percorrendo ruas muitas das quais desconhecidas. Nesse estradar, puderam observar a arquitetura local, a qualidade e o estado de conservação das construções, indagaram sobre elementos de infra-estrutura urbana, puderam vislumbrar a Geografia urbana de Borrazópolis que, a exemplo das demais cidades do capitalismo periférico, são divididas entre áreas bem servidas de equipamentos urbanos e áreas desprovidas de serviços mínimos, porque se encontram fora do circuito de valorização.

Muito mais do que conteúdos, estas experiências converteram-se em lições de cidadania, porque os alunos puderam experimentar metodologias de trabalho que os tornam sujeitos no processo de ensino-aprendizagem

Certamente, não sem percalços: nos trabalhos de campo, uma das duplas perdeu todos os questionários já aplicados, e só se deram conta do fato quando viram papéis voando ao vento, e posteriormente

enlameados. Sem alarde, digitaram novos questionários e retornaram para refazer as entrevistas, com sucesso, já que os moradores se dispuseram a tanto. Demonstração de autonomia e comprometimento, que só a investidura no processo de produção democrática do conhecimento pode permitir.

Neste trabalho, foram visitadas 1.888 casas. Os dados coletados foram tabulados, analisados e apresentados, sob a forma de gráficos, durante as exposições realizadas na Semana Cultural das referidas Escolas.

Outro resultado a ser destacado é o projeto de reciclagem, que envolveu amplamente os alunos do Ensino Fundamental. Foram três meses de trabalho arrecadando garrafas pet. Ao todo, foram coletadas cerca de cinco mil, com as quais foram confeccionados os mais diferentes objetos. A posterior montagem de uma sala de exposições com os materiais teve como objetivo aprofundar as discussões sobre a importância da educação ambiental, bem como a construção de estratégias de reaproveitamento de embalagens descartáveis.

Considerações Finais

A riqueza da experiência de capacitação proporcionada pelo PDE não se esgota no enriquecimento pessoal, que o retorno à universidade proporcionou. Antes, deixa como legado um amplo material didático-pedagógico que devidamente articulado ao uso das ferramentas habituais em sala de aula, possibilita aos estudantes aquilo que denominamos alfabetização geográfica.

Foi isso o que pudemos perceber no ano letivo de 2008, quando pela primeira vez nos valem desses materiais para trabalhar os mais diversos conteúdos o que, como salientado anteriormente, possibilitou um diálogo entre as escalas de ocorrência dos fenômenos. Ainda que alguns conteúdos pudessem dizer respeito às escalas nacional e global, a correlação com a realidade vivenciada concretamente garantiu uma melhor compreensão do sentido de se estudar Geografia, começando pelas

evidências palpáveis, e que outrora não era tarefa fácil, pelo fato de não estarem devidamente sistematizadas.

A aplicação do material permitiu o desenvolvimento de metodologias, bem como ajustes na proposta inicial, de forma a deixá-lo apto à socialização, já que o mesmo será disponibilizado para a Secretaria de Educação do município para futura implementação na rede.

Juntamente com este material, várias informações históricas sobre o município antes dispersas foram sistematizadas, recorrendo-se inclusive a entrevistas filmadas com os primeiros moradores. O acesso a documentos antigos, artigos de jornais e fotos familiares de vários moradores e colonizadores propiciou a produção de um levantamento histórico-geográfico, que ficará à disposição dos munícipes.

Ademais, a possibilidade de diálogo com a Geografia local permite uma integração mais expressiva, concreta e real. Traz à tona a relevância de teorias fundantes na orientação metodológica e permite a construção coletiva do saber, fundada no envolvimento da sociedade, em geral, e da comunidade escolar, em particular.

Tais frutos, porém, não teriam sido possíveis no contexto da rotina de trabalho docente, pois a carga horária é intensa, o que dificulta as pesquisas e novas propostas didático-pedagógicas. Eis o diferencial do PDE, que oportunizou a disponibilidade para o estudo, pesquisa e elaboração de materiais, dentro de um contexto acadêmico diferenciado, a universidade.

Cabe salientar que esse retorno foi bastante diverso de qualquer outra atividade de capacitação, seja ela especialização, mestrado ou doutorado, embora não se queira aqui desdenhar a devida importância desses. Antes, o que se quer destacar é que este programa tem como grande mérito a construção de uma mentalidade voltada para a ressignificação dos conteúdos trabalhados em sala de aula, resultado do crescimento pessoal e intelectual, do desenvolvimento de um olhar geográfico que só a pesquisa poderia permitir.

Referências

ALBAGLI, Sarita; BRITO, Jorge. **Glossário de Arranjos e Sistemas Produtivos e Inovativos Locais**. Relatório da fase piloto. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <www.ie.ufrj.br/redesist>. Acesso em: 08 out. 2007.

CALLABI, Donatella; INDOVINA, Francesco. **Sobre o uso capitalista do território**. In: Archivio di studi e regionali. Veneza, anno IV, n.2, junho 1973.

CALLAI, Helena Copetti. O estudo do município ou a geografia nas séries iniciais. In: CASTROGIOVANNI, A. C. et all (Orgs). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

CALUX, Marli Terezinha; MARCORI, Sandra Juraci; PEDRA, Maria Oneide Miatto.

Geografia em múltiplas escalas: o singular, o particular e o geral no estudo dos municípios. MOSTRA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA, 4, Universidade Estadual de Londrina, 2007. (Não publicado).

CASTROGIOVANNI, A.C. et al. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4. Ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

CAVALCANTE, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998.

COCCIA, Carla Aparecida; PORTELINHA, Dorotéia Kovalczuk; GASPAR, Edilucy Maria Cunha; RUIZ, João Carlos. **Projeto PDE: Geografia em escala local**. MOSTRA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA, 4, Universidade Estadual de Londrina, 2007. (Não publicado).

.

DUARTE, Newton. **Historicidade do ser humano e o esvaziamento da individualidade na sociedade capitalista**. In: _____. Vigotski e o “Aprender a Aprender”. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

DUARTE, Newton. **Seminário Temático – SEED-UEL**, Debates – 08 mai 2007

ELIAS, Denise. **Globalização e fragmentação do espaço agrícola do Brasil**. In: **Scripta Nova**, vol. X, ano 3, n. 218, 01 ago. 2006. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-218-03.htm>>. Acesso em: 08 out. 2007.

KAERCHER, N. A. A Geografia é nosso dia-a-dia. In CASTROGIOVANNI, A. C. et all (Org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

KATUTA, Ângela Massumi. **O Estrangeiro no mundo da Geografia**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

KATUTA, Ângela Massumi . **Geografando a Sétima Arte: notas introdutórias**. In: Katuta, Ângela Massumi; Silva, William Ribeiro da. (Org.). O Brasil frente aos arranjos espaciais do Século XXI. 1 ed. Londrina: Humanidades, 2007, v. 1, p. 299-307.

MEDEIROS Heloísa; BAZZOLI, Marina Bortolatti; FERREIRA, Nina Montenegro e participantes. **Michaelis pequeno dicionário inglês-português**. 35ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1992.

MOREIRA, Rui. Geografia: A geograficidade e o diálogo das Ontologias. In: **Geografia**, Rio de Janeiro, n 11, p. 21-37, 2004.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Para onde vai o ensino da geografia?** São Paulo: Contexto, 1989.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná**. Curitiba: SEED, 2006.

PARANÁ. **Diretrizes curriculares de Geografia para os anos finais do ensino fundamental e para o ensino médio do Paraná.** Curitiba: SEED, 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino Fundamental. **Currículo básico para a escola pública do Paraná.** Curitiba: SEED , 1992.

PIEROTE, Natália Aparecida Ribas; GODOY, Renata Martins Salamanca; NOGUEIRA, Rosângela. **O desenvolvimento do programa PDE da área de Geografia.** MOSTRA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA, 4, Universidade Estadual de Londrina, 2007. (Não publicado).

RAFFESTIN, C; RACINE, J. B.; RUFFY, V. **Escala e ação: contribuições para uma interpretação do mecanismo de escala na prática da Geografia.** Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, n. 44, p.123-135, jan./mar. 1983.

REIS, Aparecida de Oliveira Neves; FERREIRA, Maria Solange; BUENO, Rosiléia. **Arranjos Territoriais.** MOSTRA DE ESTÁGIO DO CURSO DE GEOGRAFIA, 4, Universidade Estadual de Londrina, 2007. (Não publicado).

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, Lenyra Rique. **Do senso-comum à Geografia Científica.** São Paulo: Contexto, 2004.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação Social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991 a.

_____. O desenvolvimento dos conceitos científicos na infância. In: _____.
Pensamento e linguagem. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991 b. p.
71-101.

DUARTE, Newton. **Seminário Temático** – Secretaria Estadual de Educação
do Paraná –Universidade Estadual de Londrina, Debates – 08 mai 2007.